

Sobre “quem participa do rateio”: duas trajetórias futebolísticas

Enrico Spaggiari

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar as trajetórias futebolísticas de dois atores ligados ao ensino e aprendizado de futebol em um bairro periférico de São Paulo. Por meio das trajetórias destes atores e das redes de relações ativadas por eles, problematizarei etnograficamente o uso da dicotomia amadorismo e profissionalismo dentro do campo de estudos sobre esporte nas ciências humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Amadorismo, Profissionalismo, Trajetórias.

ABSTRACT: This article aims to analyze the football trajectories of two actors linked to teaching and learning football in a football school in a peripheral district of São Paulo. Through the trajectories of these actors and networks of relationships activated by then, problematize ethnographically the use of the dichotomy of amateurism and professionalism within the field of sports studies in the humanities.

KEYWORDS: Football, Amateurism, Professionalism, Trajectories.

Introdução

Este artigo tem como base a pesquisa de mestrado desenvolvida entre 2007 e 2009,¹ cujo objetivo principal foi investigar o ensino e aprendizado da prática futebolística para crianças e jovens de alguns bairros da Zona Leste de São Paulo. Marcada, inicialmente, pela observação na escolinha de futebol do CDM (Clube Desportivo Municipal) Cidade Líder, na Zona Leste paulistana, a pesquisa posteriormente ganhou uma amplitude de atores, experiências, trajetórias e situações.

No CDM, acompanhei as aulas, treinos e jogos relacionados à escolinha, como também as demais atividades praticadas naquele espaço, principalmente as partidas de futebol de várzea aos finais de semana. Pude, assim, investigar as práticas, representações, formas de sociabilidade e a dinâmica relacional em torno dessa escolinha de futebol de várzea. Nesse sentido, para apreender os diferentes aspectos em torno do ensino do futebol, preferi, por meio de um acompanhamento das atividades (aulas, jogos, treinos), observar as relações construídas entre crianças, jovens, jogadores de várzea, pais e mães, olheiros, empresários etc.

Deste modo, realizei uma *observação participante*, o que traz distintas implicações para a construção dos dados, pois "quando o campo é a cidade" (MAGNANI, 1996, p. 20), a etnografia não se realiza do mesmo modo que o elaborado por Malinowski. Pesquisar em sua própria sociedade problematiza a relação entre pesquisador e pesquisado, e o processo da pesquisa.² A pesquisa teve, portanto, um enfoque nas relações etnografadas, que conectam uma pluralidade de pessoas, configurando redes de

¹ Em resumo, o processo da pesquisa foi iniciado em março de 2007, quando ocorreram as primeiras visitas e negociações para a entrada em campo propriamente dita, bem como o início de uma observação dos treinos. A segunda fase, de setembro de 2007 a julho de 2008, é marcada pela observação participante no CDM Cidade Líder, o que inclui a escolinha, os times de futebol de várzea, diferentes atividades esportivas ali praticadas, dentre outras experiências e eventos.

² Uma questão metodológica importante, pois faz da etnografia "um elemento de reflexão que possibilite compreender a proximidade e a distância social que une e separa o antropólogo dos grupos que observa, sejam estes pertencentes ou não à mesma sociedade do pesquisador" (SILVA, 2000, p. 72).

relações com os mais diversos atores sociais inseridos nesse universo interacional.

Neste artigo, porém, utilizarei como base algumas gravações de entrevistas que realizei com interlocutores, principalmente nas últimas etapas do trabalho de campo. Entre os diversos atores, destacarei as trajetórias de dois boleiros, que trazem novas e antigas questões, com olhares singulares, para uma discussão envolvendo os usos e discursos em torno da dicotomia *amadorismo* e *profissionalismo* no futebol brasileiro.

Tais trajetórias, obtidas a partir de entrevistas gravadas e analisadas por meio de uma abordagem antropológica, evidenciam histórias de pessoas que vivenciam cotidianamente experiências futebolísticas. Assim, vale destacar a importância da oralidade dentro da antropologia, método e conhecimento que permite o registro das experiências vividas por diversos atores e a transformação do relato oral em escrita, para que assim permaneça e sirva de referência para outros estudos.³

Portanto, neste artigo analisarei suas trajetórias a partir das narrativas pessoais articuladas a outras abordagens, mais precisamente à etnografia, para enfim identificar os sentimentos, pretensões, lembranças, olvidos e, também, o contexto sócio-histórico vivido (MEIHY, 1996; 2005), visto que a memória deve ser compreendida como um fenômeno edificado individual e socialmente (POLLAK, 1992).

Assim, por meio das trajetórias destes boleiros e das redes de relações ativadas por alguns atores ligados ao universo do futebol de várzea e à escolinha do CDM, será possível reavaliar a dicotomia amadorismo e profissionalismo. Tal polaridade será problematizada ao longo do artigo, porém exige alguns comentários iniciais.

Amadorismo e profissionalismo

Em vez de tomar a dicotomia amadorismo e profissionalismo como princípio classificatório, como acontece em inúmeros trabalhos,

³ Embora, como lembra Schwarzstein (1991), ainda permaneça a questão de como utilizar as fontes orais, pois estas, quando transcritas e textualizadas, apresentam os mesmos problemas que outros documentos escritos.

pretendo apreender as diferentes formas de suas destinações e ocupações, evitando, assim, reificar reducionismos dos significados. Trata-se, portanto, de analisar as gradações e modulações dos termos em suas posições relacionais.

Penso que o emprego da categoria *futebol amador* para diferenciar a prática esportiva da categoria *futebol profissional*, organizado pela FIFA (Fédération Internationale de Football Association) e regrado pela International Board (órgão da FIFA), precisa ser reavaliado, como propôs DAMO (2002). São categorias a serem problematizadas e redimensionadas, frente à variedade de práticas futebolísticas, devido à utilização exaustiva dos conceitos *amadorismo* e *profissionalismo* – dicotomia adotada no campo intelectual sem as mediações necessárias.

Nas observações de campo percebi que os termos amadorismo e profissionalismo eram empregados em diferentes abordagens nas discussões e conversas sobre futebol. Ora para se referir a certas configurações futebolísticas como amadoras (futebol de várzea, futebol society etc.) ou profissionais; ora para delimitar períodos históricos (“naquele tempo os jogadores eram amadores”, “jogava-se por amor à camisa nos tempos dos amadores” etc.); ou ainda para qualificar atitudes, comportamentos, estrutura e desempenho (“o Botafogo parece time profissional”, “eu chutava como um profissional”, “o problema é que os dirigentes dos clubes brasileiros são muito amadores”); e ainda para separar os que atuaram por equipes do futebol profissional e os que jogaram somente na várzea e em outros espaços.

Percebe-se que os termos são sempre usados num sentido valorativo, tendo como referência o universo profissional. Essa é a razão principal para o esgotamento da polaridade amadorismo e profissionalismo. Questão que exige reflexão crítica, prudência e mediações no uso desse par dicotômico como categoria analítica, pois tal categoria mostra-se, por meio das observações de campo, pouco rentável para a compreensão de certas questões, bem como insuficiente para o aprofundamento das investigações voltadas ao estudo de diferentes configurações futebolísticas.

Percebi, a partir destes usos, que as observações evidenciavam a existência de um conjunto mais amplo de atores, agentes, espaços,

interesses, conflitos e representações que perpassam os dois polos, de um a outro, traçando, nesses movimentos, as linhas que desenhavam este enredado de interações. Procurei, portanto, aprofundar essa temática no sentido de investigar as práticas para além de tradicionais adjetivações. Desse modo, ter como fim analítico uma nova polaridade não auxilia a avançar na compreensão das diversas formas de como o esporte pode ser vivido.

Silva e Jaílson: duas trajetórias futebolísticas

Em várias regiões da cidade, tal como ocorre na Cidade Líder, parte dos jogos e torneios de futebol de várzea, disputados majoritariamente aos finais de semana, ocorre nos campos de futebol (gramados ou de terra) dos CDMs (Clube Desportivo Municipal).⁴ Apresentado por um amigo ao coordenador do CDM Cidade Líder, Jaílson Andrade, comecei a realizar as primeiras observações dos treinos da escolinha do CDM. Daquele encontro com Jaílson em diante, as conversas tornaram-se diárias, eu perguntando e ele respondendo. Ele demonstrava gostar dessas conversas. Dizia sempre que era o articulador de todos os grupos do CDM, tal como um mediador, que harmoniza e concilia (SANTOS; VOGEL, 1979).⁵

Jaílson, porém, não era o único responsável pelas atividades da escolinha de futebol. As aulas e treinos eram comandados por Silva, ex-jogador de futebol profissional vinculado ao Programa Mais

⁴ O CDM Cidade Líder é um dos Clubes Desportivos Municipais (CDMs) da cidade, unidades descentralizadas do Município de São Paulo. Criado em 1979, o CDM Cidade Líder é um importante equipamento esportivo e de lazer devido à carência de espaços na cidade de São Paulo para o exercício de tais práticas. Frente à expansão urbana e estruturação de serviços públicos, as áreas para a prática esportiva, parte delas não regulamentada para o seu uso, teriam sido os principais alvos de desapropriação e ocupação. Área pública gerenciada por um conselho local, o CDM Cidade Líder foi criado para oferecer atividades, equipamentos e estrutura esportiva; uma resposta, assim, à crescente diminuição de áreas públicas destinadas ao esporte e lazer.

⁵ Para mediar, é preciso saber reconhecer as diversas formas e critérios de aferição de um desempenho em múltiplos contextos, combinando conhecimento e habilidade. Precisa ter tempo no bairro, reconhecido através da história pessoal e conhecer a trajetória do bairro (SANTOS; VOGEL, 1979).

Esporte.⁶ Um dos pontos chaves do programa, segundo seus formuladores, é a parceria com ex-atletas de renome, que funcionam como seus *difusores*, cuja função seria "lidar com crianças carentes". Além da imagem destes atletas, apostava-se nos contatos e vínculos deles com clubes, equipes, empresários e outros agentes. Composta por mais de 65 ex-atletas de diversas modalidades, a equipe futebolística contava com ex-jogadores de futebol famosos – entre eles Coutinho, Badeco, Geraldão, Dorval, Mengálvio, Basílio, Felix, Leivinha, Ataliba e Edu Bala e Felix –, vários com passagem pela Seleção Brasileira e alguns com presença em Copas do Mundo de Futebol; havia também outros pouco famosos, principalmente para as gerações mais novas.⁷ Fazia-se uso, portanto, de agentes vinculados à história do esporte e do futebol como referências positivas para as crianças e jovens.

Para compreender os muitos sentidos conferidos à escolinha e ao CDM, é essencial conhecer as trajetórias de Silva e Jaílson, bem como de outros sujeitos que ali circulam, pois elas evidenciam a heterogeneidade de atores que cruzam a rede e que desconstróem as categorias amadorismo e profissionalismo, utilizadas para descrever os universos aqui pesquisados.

Antonio Sebastião da Silva Filho nasceu em Itaquera, em 1954, bairro onde sempre morou, exceto na época de jogador, quando rodou o Brasil atuando por diversos clubes. Silva teve uma infância humilde. Começou a jogar nos campinhos em peladas e posteriormente na várzea: "Porque antes de iniciar no esporte sempre gostei de jogar bola, já ficava assim no campinho meio gramadinho,

⁶ Criado pela Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo e conveniado ao projeto Segundo Tempo do Ministério do Esporte, o Programa Mais Esporte é desenvolvido em áreas mais periféricas da cidade, com a atuação de ex-atletas de diferentes modalidades como difusores. O objetivo do programa é oferecer às crianças e jovens, na faixa etária de 7 a 17 anos, matriculados na rede de ensino da cidade de São Paulo, um conjunto de atividades esportivas e recreativas em horário complementar ao de suas aulas normais, por meio das escolinhas de futebol organizadas nos CDMs, Clubes da Cidade, parques municipais e outros equipamentos esportivos, localizados principalmente em bairros periféricos de São Paulo.

⁷ Parte destes ex-jogadores, incluindo Silva, já atuava na Secretaria Municipal de Esportes por meio de contratos individuais. Esses contratos eram, porém, segundo Silva, constantemente interrompidos. Por meio de concorrência pública, a SEME organizou contratos mais longos diretamente com a Cooperativa de Trabalho de Esportistas Prático, da qual os ex-jogadores fazem parte.

jogava, ia para casa, depois basicamente que iniciei na várzea”. Assim, Silva jogava bola, em diferentes lugares, porém isso fora antes de iniciar no esporte, o que viria acontecer com sua entrada nos clubes de futebol.

Na sua época não havia escolinhas. Silva afirmou: “a primeira vez que calcei uma chuteira foi num teste no Corinthians, não fui aprovado, mas reconheço que não sabia nem andar, sabia jogar na pelada assim descalço [...] mas depois fui pegando a manha de como usar chuteira, de como jogar, e assim começou”. Realizou o primeiro teste aos quinze anos. Numa época em que havia, segundo Silva, somente as divisões juvenil (até dezoito anos) e profissional (acima de 18 anos), era possível tentar carreira até os vinte e poucos anos. Na época, também não era comum ter empresário, tal como hoje:

...quem me ajudava era primeiramente Deus e eu mesmo, porque meu pai assim, não queria que eu jogasse, minha mãe também era neutra, eu que me virava, tinha que correr atrás. Inclusive, na época, eu não tinha nem dinheiro para a condução [...] eu saía daqui de Itaquera pra ir treinar em São Miguel Paulista e muitas vezes eu fui a pé porque não tinha dinheiro, fui a pé e voltei a pé, mas eu queria. Corria atrás...

Participou de alguns testes no Corinthians, na Portuguesa e em outros clubes. Não foi aprovado: “não fui aprovado porque eu não tinha bagagem [...] aquele tempero para jogar futebol”. Após algumas reprovações, teve a chance de disputar o Campeonato Paulista Juvenil pela equipe *Microquímica*. Com o término do campeonato, que jogara pela equipe de São Miguel, Silva foi convidado para jogar no juvenil do Palmeiras. Nem deu tempo para digerir o interesse: surgiu, em seguida, um convite para jogar no Santos: “na época me interessei, porque eu gostava do Santos”. Para concretizar essa ida, Silva teve antes que fazer um novo teste, então no estádio do Nacional A. C.. Aprovado, encaminhou-se para a cidade litorânea de Santos.

Jogar no juvenil do Santos F. C, naqueles primeiros anos da década de 1970, era mágico, segundo Silva. Para começar, tinha o Pelé, que como lembra Silva, só parou de jogar no Brasil em 1974: “Naquele time lá tinha o... Edu, o Jonas, tinha o Clodoaldo, só fera. O Bezerra,

Toledo... se for falar dos onze aqui, os onze eram feras [...] E na época, a gente era mais garoto [...] e ficava convivendo ali junto deles...". Convivência que, num certo momento, exigiu uma difícil escolha: "de continuar no Santos e a chance de jogar em outro time [...] eu nunca tinha condições de jogar no time de cima, [pois havia] vários zagueiros de alta qualidade".

A oportunidade surgiu em 1974, porém em outro clube. Jogou na Associação Atlética Francana, emprestado pelo Santos por seis meses. Ainda como juvenil – "um capacho", segundo Silva –, participou da que seria a última partida do Pelé no interior de São Paulo, num empate sem gols entre Santos e Francana. Com o fim do empréstimo, retornou ao Santos, com esperanças de permanecer no clube. Porém, naquela mesma partida que marcou a despedida de Pelé dos gramados do interior paulista, Silva chamou a atenção de um diretor do Bangu Atlético Clube (RJ), que estava no estádio para acompanhar o desempenho de alguns jogadores que o Bangu emprestara à Francana.

...lá me viu jogando, falou assim: "Pô, você não quer ir pro Bangu?"
Falei: "Quero." Claro, naquela época queria jogar. Eu ia ganhar mais do que eu ganhava na Francana. Aí eu acertei com eles e fui pro Bangu. Só que no Bangu eu não joguei muitas partidas porque eu era novo, era molecão. Joguei duas partidas só. Uma contra o América do Rio no estádio pequeno deles. É eu lembro que o jogo contra o Botafogo foi em General Severiano, lá no campo do Botafogo.

Encerrado o prazo do empréstimo, retornou para o Santos, clube ao qual seu passe estava preso. Novamente sem oportunidades, conseguiu que lhe cedessem o mesmo. Em 1975, emprestou seu passe ao Maringá (PB). Retornou para a Francana em 1976, mas dessa vez vendendo seu passe ao time: "Aí já fiquei com o meu passe preso na Francana. Ali eu disputei 76, 77 e 78. Em 77 fui campeão da divisão intermediária, em 78 disputei o campeonato paulista de profissionais [...] nesse ínterim, o Palmeiras comprou meu passe."

Contratado pela Sociedade Esportiva Palmeiras, Silva começou o Campeonato Paulista de 1979 no banco de reservas. Quando um dos zagueiros titulares se machucou numa partida contra a Ferroviária de Araraquara (SP), "entrei, dali não saí mais. Entrei, joguei bem. O Telê Santana era o treinador, me deu oportunidade de

continuar. Aí eu fiz oito jogos pelo Palmeiras e fui convocado para a Seleção Brasileira na Copa América.”.

A revista Placar de 1979 – que Silva guarda com muito zelo – trazia uma reportagem de capa com o então jogador do Palmeiras, recém-convocado para a seleção. Intitulada *O becão que cumpre palavra*, nela destacava-se a vocação de artilheiro do zagueiro, sua qualidade no jogo aéreo, seus desarmes na defesa e sua seriedade. “O Silva ainda não atingiu o máximo de rendimento que seu potencial lhe permite. Faltam-lhe 30%”, comentava à época seu treinador, Telê Santana (Revista Placar, ago. 1979).

Embora zagueiro titular do Palmeiras e convocado para a Seleção Brasileira, a boa fase não durou muito tempo: “no ano de 1980, o time estava numa fase ruim. Eu joguei algumas partidas, mas não me firmava porque o time não entrosava. Aí, quando chegou no final de 80, eu saí.”. Fez parte de uma negociação de troca envolvendo Palmeiras e Santa Cruz Futebol Clube em 1981. Enquanto o meia-direita Sena veio para o Palmeiras, Silva encaminhava-se para jogar pela equipe pernambucana. Insatisfeito com a troca? Silva afirmou que não, pois além do salário no Santa Cruz ser maior ao que recebia no Palmeiras, ganhara, ainda, uma boa quantia no próprio momento da negociação. “Foi quinhentos mil de luvas lá, quinhentos mil cruzeiros. Quinhentos mil cruzeiros na época era bastante, pô! E ganhava noventa mil cruzeiros por mês. Aqui, eu ganhava setenta mil, no Palmeiras.”. No Santa Cruz, o rendimento não foi o mesmo: “chegou lá no Recife, eu não me adaptei muito bem com o negócio de comida e também não deu muito certo lá”. Após apenas um semestre, Silva se transferiu para o Londrina Esporte Clube, do Paraná: “não joguei muitas partidas também, mas fui campeão paranaense em 1981 pelo Londrina”.

Peguei quinhentos na mão e recebia salário de duzentos... Depois, no outro ano, eu renovei por duzentos e cinquenta mil L... do Londrina eu fui para um time lá do Mato Grosso. Fiz um contrato de três meses para jogar um mês, já que você não pode fazer contrato de um mês, o mínimo é três meses. Aí eles me deram o dinheiro. Ganhava mais que no Londrina, acho que duzentos e cinquenta mil. Foram setecentos e cinquenta mil para jogar lá um mês... Aí eu fiquei lá um mês... e me deram um “boné”, um cheque eu não recebi.

Segundo Jaílson, este foi um entre tantos outros "bonés" que Silva tomou. O clube em questão é o Operário de Várzea Grande. Vice-campeão do Mato Grosso, Silva transferiu-se para o Esporte Clube Santo André, numa rápida passagem, pois em seguida seria contratado pelo Esporte Clube Juventude de Caxias do Sul (RS):

Silva: O treinador do Juventude trabalhou comigo na Francana [...] sabia do meu potencial, aí pediu minha contratação [...] foi bom para mim na época: o salário que eu queria, deram umas luvas boas [...] isso foi em oitenta e dois. Aí fiquei disputando o campeonato gaúcho [...] fizemos um bom campeonato, surgiu a excursão lá para Ásia [...] nós jogamos lá na Coreia do Sul, jogamos lá na Arábia Saudita. Na Coreia nós ganhamos duas vezes da seleção coreana, jogamos na cidade de Busan, que seria a 400 km da capital Seul [...] depois no outro domingo em Seul, ganhamos de dois a zero. [...] Aí nós fomos para Arábia Saudita, jogamos quatro jogos lá, ganhamos os quatro e eu tive a felicidade de ser considerado o melhor jogador da excursão. Quem era o técnico? Nosso técnico era o Felipão, o Felipe Scolari.

E: Foi um dos primeiros trabalhos dele como treinador?

S: É, foi um dos primeiros. O Felipão era do juvenil do Juventude. O Daltro Menezes ficou doente, operação do coração, então não pôde ir. Aí botaram o Felipão para ir com a gente. Para ser o treinador. Ele já começou ali: seis partidas sem perder. Inclusive parece que nessa ele já foi contratado por um time da Arábia, para dirigir um juvenil. Então a gente também deu força para a continuidade...⁸

De volta da excursão, já no decorrer do ano, Silva sofreu uma torção no joelho esquerdo. Não tendo apoio do Juventude, Silva tentou obter novamente seu passe para voltar a São Paulo: "Agora pego meu passe e vendo aí, só que eu peguei o meu passe e fiquei

⁸ No livro de Ruy Ostermann (2002) há uma pequena biografia do Felipão, na qual o treinador relata a breve viagem à Ásia. "Em outubro de 1982, teve a primeira grande chance na nova atividade: na véspera de uma excursão de 36 dias à Ásia e ao Oriente Médio, o treinador do time profissional do Juventude, Daltro Menezes, que já tinha três pontes de safena, sofreu um infarto do coração. Da cama do hospital, Daltro mandou um recado aos dirigentes do clube caxiense, que não sabiam quem colocar em seu lugar: 'Tem um homem aí do lado que é experiente e pode resolver o problema. Chamem o Luiz Felipe.'. No total, a excursão teve seis partidas – duas na Coreia do Sul e quatro na Arábia Saudita. O time de Felipão saiu vencedor em todas. Inclusive um 1 a 0 diante do AI Ahli, equipe treinada na época pelo brasileiro Telê Santana. No retorno a Caxias do Sul, Luiz Felipe foi confirmado como técnico da equipe profissional do Juventude" (OSTERMANN, 2002, p. 161-162).

com ele, estou com ele até hoje. Na gaveta, aqui... aí só peguei time pequeno, aí não dava mais pra vender, negociar, então joguei no Uberaba Esporte Clube em 1984.” Após rápida passagem pelo Uberaba, Silva rodou o Brasil. Em 1986 ficou parado, pois achou que as propostas eram muito baixas e que não valeria a pena jogar. “Só vinha proposta baixa, fiquei um ano sem jogar, fiquei o ano todinho parado, aí só saindo. Dinheiro, só saindo.”. Atuou ainda por outras equipes, todas de pouca expressão na época: Independente de Limeira (SP), Guaçuano de Mogi Guaçu (SP), Itaquaquecetuba (SP), Guaratinguetá (SP) e Jacareí Atlético Clube (SP), clube no qual encerrou a carreira. “Ah, larguei o jogo. O dinheiro, era tipo assim... era igual um operário. Só dava pra você comer. Aí eu falei: ‘Agora eu parei, não vou jogar mais não.’”. Silva encerrou a carreira – “largou o jogo” – aos trinta e cinco anos, no ano de 1989, cansado das condições precárias oferecidas pelos times pequenos e pelo salário pouco atrativo:

Encerrei com trinta e cinco anos, só aparecia time de segunda, não queria parar, mas... você vai assim... jogar em time pequeno... é ruim, aí eu parei. O joelho também tava incomodando já na época. Já teve água, já teve torção. Agora... eu parei, jogo mais na várzea, jogo mais em seleções de veterano, de máster. De vez em quando eu jogo no máster do Palmeiras, quando tem convite, eu vou...

Nos próximos anos, Silva quer investir na carreira de empresário de jogador: “Quem sabe nos próximos anos, aí já agenciando algumas carreiras. É, é possível. Para frente aí, a gente... se der tudo certo como a gente almeja, partir para esse lado aí. Vai dando certo com um, com dois, aí vai pegando o fio da meada e partir para isso.”. Afirmou já ter o principal, os contatos: “preciso aprender mais os cacoetes de como se mexe com papelada. Mas os contatos sempre tem... com o pessoal da bola.”. Descartou trabalhar como técnico, “a não ser que apareça um negócio de fora, que seja bom para mim. A gente está no futebol, pode ser que apareça um convite do Kuwait.”.

Jaílson Silva Andrade nasceu no estado de Sergipe e quando tinha quatro anos, mudou-se com a mãe para Salvador (BA). Criado na capital baiana, morou alguns poucos anos em Ilhéus, entre os

onze e quatorze anos. Com essa idade, veio com a mãe e a irmã para São Paulo. Chegou direto na Cidade Líder, bairro onde reside há mais de quarenta anos. "Sempre aqui, nunca saí daqui e acho que daqui é pra última morada" comenta Jaílson.

A vida de operário, como gostava de definir Jaílson, começara aos quatorze anos em Ilhéus, onde trabalhou em oficina mecânica, aprendendo a fazer funilaria. Foi neste trabalho com funilaria em Ilhéus que sofreu um pequeno acidente na visão, com um leve deslocamento de um dos olhos. Em São Paulo, deu continuidade ao trabalho com automóveis – uma de suas paixões, junto com forró e futebol –, porém então com outra função na oficina: trabalhava com guincho. Foram vinte e cinco anos puxando carro com guincho no Auto Socorro Jair, na época com sede no Brás.

Segundo Jaílson, cada um tem uma história no futebol. E a sua não deixa de ser curiosa. Sempre jogou bola, desde quando era garoto na Bahia. Em São Paulo, teve contato com o futebol de várzea, vínculo que durava mais de 40 anos: como jogador, organizador, técnico, árbitro, mesário, professor de escolinha de futebol e diretor de CDM. Conhecido como "Cabeça" quando jovem – que remetia à origem nordestina –, Jaílson preferia outro apelido: "Canhão da Vila". Se o Santos tinha, na década de 1960, o ponta-esquerda Pepe, canhão da Vila Belmiro, Jaílson ganhou o apelido por ter um chute muito forte: "Porque eu chutava demais, chutava muito forte... pessoas que me conheciam não ficavam em barreira quando eu batia falta, lse pegava na barreira o cara ia a nocaute, o cara não ficava em pé de jeito nenhum". Esse atributo lhe proporcionaria uma oportunidade de seguir carreira, desejada por muitos: conheceu Roberto Rivellino, na época, principal jogador do Corinthians.

Em 1965, Jaílson jogava futebol de várzea na Cidade Líder. Já noivo, morava com sua mãe, o padrasto e a irmã numa casa alugada. Sua noiva trabalhava como empregada doméstica no bairro de Santo Amaro, zona sul paulistana, cuja patroa, inclusive, viria a ser a madrinha de casamento deles:

[...]a patroa dela era vizinha da família dele [Rivellino] ali em Santo Amaro [...]ela tinha muita intimidade com a família do Rivellino e falou: "Olha Rivellino, tem um afilhado meu que é noivo da minha

funcionária, da minha menina [...] É namorado dela, eles estão noivos, eu vou ser madrinha de casamento deles. Ele chuta mais do que você, hein?” Eu chutava, eu chutava mesmo. “Chuta mais que você, hein, chuta barbaridade” [...] Aí ele falou: “Faz o seguinte.” Marcou um dia para eu ir lá conversar. “Segunda-feira você vai lá.” Eu falei: “Está bom.” Aí eu fui na segunda-feira de tarde, fui na casa dele, sentei na sala dele, conversei, ele falou: “Você joga de quê?” Eu falei: “Jogo de zagueiro.” Eu jogava bola, de zagueiro, de central, lateral direita, esquerda, ele falou: “É?” Eu falei: “É, mas meu forte mesmo é bater com a direita.” Ele falou: “Então vamos fazer o seguinte: eu vou fazer uma excursão para África com a seleção, são trinta dias na África. Quando eu voltar, aí você vai vir aqui em casa, e eu vou te levar lá no Corinthians.” O treinador na época era o finado Lula, que tinha treinado o Santos. “Vou levar você para o Lula, está bom?”

Contente com a oportunidade, Jaílson retornou para casa. Avisou à mãe da oportunidade que surgiu, mas não teve, contudo, o retorno esperado. A família acabara de comprar um terreno próximo ao Parque do Carmo, estava pagando aos poucos o terreno, investindo o que podia na compra do material de construção etc. Assim, segundo Jaílson, não bastava que a mãe e o padrasto trabalhassem; ele precisava ajudá-los, trazendo dinheiro para casa. Essa era a opinião de sua mãe, conforme assinala Jaílson: “Agora que nós compramos o terreno, você vai jogar bola, aí o velho vai achar ruim com você”, pois naquela época quem jogava bola era vagabundo, ‘eu também não vou gostar... olha, filho, é melhor a gente construir a nossa casinha, vamos trabalhar’.”.

Foi a única oportunidade que surgiu na vida de Jaílson. Poucos meses depois, um amigo o convidou para jogar como lateral numa partida do time da empresa Kopenhagen, que jogava na Rua Joaquim Floriano, bairro do Itaim-Bibi, zona sul da cidade: “aí eu fui lá no sábado, joguei, matei a paulada, porque naquela época os patrões iam assistir o jogo [...] aí o patrão perguntou: ‘Quem é o garoto aí?’. [...] ‘Manda ele ir lá segunda-feira na firma.’”.

Jaílson trabalhou cinco anos na firma, obtendo alguns títulos pela equipe. Comentou, inclusive, que o time ficou cento e vinte e quatro partidas invicto. Quando alcançaram a marca de cinquenta e sete partidas invictas, os jogadores ganharam, do patrão, um jantar

num restaurante paulistano. Quando atingiram os cem jogos invictos, receberam um jantar no interior de São Paulo. A 125ª partida invicta viria a ser comemorada com um jantar fora do estado de São Paulo, com a viagem toda paga. "Ele sabia incentivar a gente... dava um tratamento legal". Contudo, perderam a partida para a Malhas Formosa, da Vila Formosa (zona leste), por dois a um.

Depois, foi convidado para jogar numa equipe de várzea do Morumbi, bairro da zona sul. Com suas atuações, Jaílson passou a ganhar uma pequena ajuda monetária para o deslocamento aos jogos, assim como para compras no Morumbi ou nos bairros dos adversários. Quantia que utilizou, em diversos momentos, para comprar presentes à namorada, que dividia, com o futebol, a atenção de Jaílson nos fins de semana:

...Lera muito para mim, porque eu saía daqui de manhã e chegava aqui de noite. Minha esposa, que na época eu namorava, ficava beicuda porque eu chegava para namorar era dez horas, onze horas da noite. Uma vez, ela perguntou: "Você gosta mais da bola do que de mim?". Eu falei: "Eu gosto de você, mas eu também gosto da bola." Eu sei que ela não queria que eu voltasse a jogar bola, eu falei: "Eu não sou de beber, não sou de fumar." Aí eu... sabe como é mulher. Ela quer estar com o camarada do lado, mas minha profissão é jogar bola [...] Trabalhei em firma isso tudo, mas estou envolvido com bola.

Porém, quando perguntado sobre qual é a sua profissão hoje, Jaílson não respondia "jogar bola" ou "coordenador do CDM". Com orgulho, afirmava ser locutor de rádio comunitária: "Bobagem esse negócio de locutor profissional... é locutor, só isso. Que nem jogar bola... joguei tanta bola quanto outros por aí [...] Você vê esses moleques hoje ganhando para caralho... uma puta grana e não jogam porra nenhuma". Locutor e comentarista de esportes no rádio, Jaílson pretendia seguir a rotina atual por mais um tempo: "Agora eu estou esperando o contador terminar de fazer o serviço para eu mandar lá para o outro rapaz para dar entrada. É, falta pouco, logo chega aí e a gente está se aposentando, aposentando no documento, mas parar de trabalhar jamais."

Aposentado no documento, não pensava em alterar sua rotina: "a vida da gente é isso, é correria, é trabalho, sabe?"

Você vê, eu sou administrador do CDM, eu tenho a família para cuidar, eu tenho a rádio também para fazer, quer dizer, é correria. Tem o campeonato aqui do CDM que quem cuida sou eu e nós vamos fazer a copa do sub catorze ou sub quinze, tenho que ficar ligando para os times, chama um chama outro, vou para reunião, é complicado. É complicado, não é fácil não; é correria, é trabalho e têm pessoas que falam que a gente não faz nada.

Porém, o futebol continuava a fazer parte da vida de Jaílson, que atuava como técnico do “Esporte”⁸ do Botafogo da Cidade Líder, que vinha então obtendo uma sequência boa de resultados desde 2007. A função de treinador do “Esporte” foi uma das funções desempenhadas por Jaílson nos dezoito anos de trabalho no CDM e que ele afirmou desempenhar com prazer, pois a maioria dos jogadores treinava na escolinha do CDM Cidade Líder quando ele era o professor.

E é no CDM que as trajetórias de Jaílson e Silva se cruzam.

Sobre amadores e profissionais: o ensino de futebol

No começo da década de 1990, Jaílson e Silva se encontraram no CDM. Trabalhavam juntos, porém promoviam metodologias específicas e que valorizavam, cada um a seu modo, determinados aspectos da prática futebolística do treinamento. Enquanto Jaílson priorizava os treinos físicos e de alongamento, e ainda a correção repetitiva dos fundamentos durante os coletivos, Silva preferia focar nos coletivos e treinos de circuito. Jaílson justificava a escolha:

É. Futebol hoje em dia, Enrico, hoje em dia é força, sabe? Se você não tiver uma resistência no pulmão, ar no pulmão e tiver resistência na perna para correr, para chegar, não adianta, você vai

⁸ Segundo Jaílson, “esporte” é uma denominação comum no futebol varzeano, conferida ao quadro de jogadores de até trinta anos (em média, podendo variar). Jaílson afirma não ter certeza o porquê de se chamar “esporte”, mas relaciona ao fato de terem os jogos mais corridos, disputados e competitivos: “lembra mais o esporte de verdade mesmo”. Com jogadores entre trinta e quarenta anos, os times são classificados como “veteranos”. “Veteraníssimo” quando estão na faixa dos quarenta a cinquenta anos. Com jogadores acima de cinquenta anos, são formados os times de “masters”. Classificação que pode variar de acordo com o recorte. No Negritude F. C., clube do Conjunto Habitacional Padre José de Anchieta (COHAB I), do bairro Artur Alvin, e que joga no campo do CDM Alvorada, as equipes são divididas em “esporte A” (time que disputa as competições), “esporte B” (até 18 anos), “veteranos” (acima de 30 anos) e “paradões” (acima de 40 anos).

levar dez minutos, vai andando e o futebol hoje não dá para andar em campo. Futebol hoje é correria, futebol é chegar primeiro.

Da posição de ex-jogador, por seu lado, Silva procurava sempre se distanciar dos demais educadores do CDM. Na relação com Jaílson, explicitava o fato de ter alcançado a condição de jogador profissional de futebol – com acesso ao que ele chamou de “conhecimento oficial” –, ao contrário de Jaílson, que teria permanecido somente no universo do futebol de várzea.

Deste modo, as fronteiras previamente delimitadas entre amadorismo e profissionalismo podem ser repensadas frente aos dados empíricos, tal como na continuidade jogador-professor expressa por Silva. Continuidade essa desfeita pelo próprio, ao diferenciar seu trabalho daquele realizado por Jaílson. Novamente, a sua posição de ex-jogador profissional é acionada para se contrapor à experiência amadora de Jaílson: “Eu fiz parte do esporte, o Jaílson só jogou por aí”.

Jaílson, por seu lado, questionava a todo momento o quão profissional era o comportamento de Silva, ou mesmo sua posição no universo futebolístico. Primeiro, no que se referia à sua atuação na escolinha do CDM, seus métodos de treinamento, relacionamento com alunos:

[...] o Silva é meu amigo e gosto muito dele, mas todo mundo aí reclama do trabalho dele, os moleques mesmo reclamam, você mesmo tem acompanhado aí, o quê acontece? Vai perder de cinco, perder de cinco, seis, pô, cara, time que eu montei aqui perdia de quatro a um, quatro a dois, quatro a três, assim tudo bem, está entendendo? Mas cinco a zero, seis a zero?

Segundo, pela própria trajetória de Silva. Embora tenha ganho, como bem afirma, uma quantia considerável nos tempos de jogador, suficiente para não ter que trabalhar, Silva afirmou não ter nada hoje em dia. Morava – com a esposa e o filho de seis anos – na casa da irmã em Itaquera, utilizava parte do salário de R.\$1.500,00 para pagar as dívidas no banco e não tinha carro. Jaílson questionava, como no trecho abaixo, se esse é o perfil do profissional:

O Silva ganhou dinheiro como profissional, mas não sabia administrar o dinheiro dele [...] ele perdeu casa, ele mesmo falou para mim. Perdeu casa, ele perdeu um apartamento, ele perdeu uma

série de coisas que ele comprava e largava na mão dos outros. E você vê como ele é sossegado, ele é: “Ah, deixa para lá, não sei o quê.”. Desse jeito, quer dizer, o Silva podia estar bem, podia não estar dependendo disso aqui, podia estar treinando até um time... eu falei para ele: “Silva, seu ciclo de profissional acabou, cai na real, você tem que sair para luta, tem que... aí eu falei que ele era operário, ele quase me bate aqui. É, operário, ele fala: “Que operário?”. Não vem trabalhar todo dia aqui? É operário, pô, como todo mundo, entendeu?”

No pouco que falou destes aspectos da sua carreira, Silva revelava um arrependimento, embora parcial, de algumas de suas atitudes e comportamentos de quando era jogador: “de umas coisas que deixei passar quando era mais jovem, tipo investimento, que eu não fiz porque não tinha muito conhecimento. Por exemplo, alguns imóveis que eu não comprei [...] disso me arrependo, mas outras coisas não.”. Preferia destacar os momentos que a carreira proporcionou, como festas, viagens, histórias; os amigos que fez, os carros nos quais andou, as pessoas que conheceu etc.

Assim, Jaílson utilizava-se constantemente de eventos e fatos relacionados à trajetória de Silva para questionar a posição de ex-profissional emanada pelo ex-jogador. De outro lado, Silva tentava tirar proveito da posição de ex-jogador profissional, colocando em xeque constantemente: “você acha que a molecada prefere aprender com um ex-jogador de futebol, que atuou no Palmeiras, ou com um cara que só jogou na várzea?”. O que pode ser entendido, também, na explicação de Silva em relação ao futebol varzeano:

Estava no campo do Negritude, lá na COHAB, acabou o jogo e o cara que tinha me convidado para jogar passou pedindo dinheiro...fazendo o rateio para a compra da cerva e do rango. Fiquei irado. “Como assim, rapa? Rateio porra nenhuma. Eu nunca paguei... sempre pagaram pra mim.”. É brincadeira... rateio quem faz são os outros caras da várzea, tipo o Jaílson. Ele faz rateio.⁹

¹⁰ Nem todos os times têm patrocínio ou qualquer outra ajuda externa, o que obriga um “rateio” entre os jogadores para adquirir materiais e equipamentos, e para pagar os serviços utilizados. Os jogadores têm uma série de compromissos, como dar continuidade nas participações e auxiliar financeiramente a equipe com o pagamento de mensalidades. As disputas exigem gastos econômicos significativos para cada jogador: pagar o uso do campo, a lavagem e secagem dos uniformes, gastos com a arbitragem, transporte aos jogos, equipamentos e outras despesas menores. Mas sempre há os que pagam e os que não pagam.

Considerações finais

Ao evidenciar as distintas trajetórias e concepções de vida de Silva e Jaílson, assim como a disputa para apontar *quem participa do rateio*, é possível perceber a importância destas informações para a compreensão do ensino de futebol no recorte aqui pesquisados. Comandados pelos dois boleiros, as crianças e jovens tinham acesso a propostas e percepções de ensino e formação diferenciadas, porém nem sempre discordantes. Assim, o ensino e o aprendizado devem ser analisados como processos imersos num quadro amplo de atores – Jaílson, Silva, pais, professores, amigos, outros praticantes etc. – e compreensíveis somente de forma relacional.

Portanto, inúmeros atores participam do universo relacional futebolístico, marcado pelo encontro de gerações e por diferentes trajetórias de vida. Universo que, no caso da escolinha do CDM Cidade Líder, pode ser compreendido principalmente na relação entre os dois principais agentes de promoção do saber futebolístico. Uma relação construída no mundo amplo do futebol e definida pela dúvida de saber, afinal, quem participa do rateio?

Referências Bibliográficas

DAMO, Arlei Sander. O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias sociológicas na literatura acadêmica sobre o esporte. In: **XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS**, Caxambu: 26º ANPOCS 2002, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lílian de Lucca. (Org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996. p. 12-53.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

_____. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

OSTERMANN, Ruy Carlos. **Felipão**: a alma do penta. Porto Alegre: Zero Hora, 2002.

PLACAR. São Paulo: Abril, ago. 1979.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

SANTOS, Carlos; VOGEL, Arno. **Quando a rua vira casa**: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. São Paulo: Projeto, 1985.

SCHWARZSTEIN, Dora. Introduccion In: MOSS, William et. al.. **La Historia Oral**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1991.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras. São Paulo: Edusp, 2000.